

Narrativa sobre desastres e disputa de sentidos: entre a mídia tradicional e perfis de extrema-direita ¹

Nicoli Silveira²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

RESUMO

Este trabalho propõe reflexões sobre a disputa de narrativas no ambiente digital durante as enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. São analisados dois textos: a disseminação de desinformação pelo influenciador Pablo Marçal e uma reportagem do portal Sumaúma. Através da Análise de Discurso (BENETTI, 2007), observa-se a disparidade no alcance entre narrativas amplificadas por algoritmos e reportagens técnicas. A pesquisa visa contribuir para a compreensão das dinâmicas entre mídia tradicional e formas digitais na construção de sentidos em eventos críticos. A análise mostra que a desinformação reforça a deslegitimação do Estado e circula com facilidade, enquanto a reportagem busca recuperar a credibilidade jornalística ao conectar o desastre à crise climática.

PALAVRAS-CHAVE

Desinformação; Discurso; Narrativa; Jornalismo; Mídia digital.

1. INTRODUÇÃO

A partir de constatações produzidas em artigo desenvolvido para a disciplina de “Comunicação e Interações: ambiente digital, jornalismo e linguagem”, do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), este trabalho propõe reflexões sobre a construção de sentidos em eventos críticos a partir da circulação de conteúdos digitais. As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Produção de sentido na mídia digital, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de mestrado no programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

constituem um grande acontecimento (RODRIGUES, 1993), que mobilizou redes de apoio e resgates em todo o país. Agentes digitais, com objetivos políticos e ideológicos (OLIVEIRA, 2016), utilizaram plataformas para disseminar desinformação, incluindo teorias da conspiração, negacionismo climático e ataques a instituições democráticas. Enquanto isso, o campo democrático produziu conteúdos baseados em dados, como reportagens e coberturas ao vivo. No entanto, o alcance dessas narrativas foi inferior ao das desinformações.

Segundo relatório do Instituto Democracia em Xequê (2024), elaborado com a Fundação Heinrich Böll, entre 7 e 13 de maio foram publicadas 7,7 milhões de postagens sobre as enchentes nas redes sociais (Facebook, Instagram, YouTube, X e TikTok), das quais 4,3 milhões envolviam desinformação. Este trabalho utiliza a Análise de Discurso para explorar como essas narrativas concorrentes circulam, contribuindo para a compreensão da mediação jornalística diante de eventos críticos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Desinformação no ambiente digital

O ambiente digital transforma catástrofes em ciberacontecimentos, conforme Henn (2015), ao criar “novas arquiteturas narrativas potencializadas pelas redes digitais”. A desinformação disseminada sobre as enchentes é estratégica, visa polarizar, obscurecer a crise climática e reforçar interesses políticos (OLIVEIRA; HENN, 2014). Segundo Oliveira e Pastl (2023), jornalismo e plataformas digitais convivem em uma “semiosfera”, onde há disputa contínua de significados. O jornalismo se baseia em legi-signos — convenções e regras para a construção de sentido — enquanto as plataformas digitais operam com lógicas próprias, frequentemente alheias a essas convenções.

Henn (2015) destaca que essa disputa de sentidos interfere na mediação jornalística tradicional, intensificando a construção coletiva de significados nas redes. A

semiosfera contemporânea torna-se campo de batalha entre sistemas distintos de signos (OLIVEIRA, 2016), desafiando o papel do jornalismo na definição da realidade.

2.2 Narrativas digitais

As enchentes afetaram cerca de 2,4 milhões de pessoas. A Defesa Civil registrou 172 mortes, 41 desaparecidos e mais de 442 mil desalojados. Foi a maior tragédia climática já vivida no estado. Nas redes, a circulação veloz de informações e desinformações reorganiza o tempo e a memória do evento, desviando o foco das consequências humanas e das responsabilidades institucionais.

Narrativas digitais polarizadas moldam a percepção pública (OLIVEIRA, 2016), com mensagens que exploram intencionalidades específicas (RESENDE, 2009). As mídias digitais compõem um ecossistema interconectado (OLIVEIRA, 2016), onde fronteiras entre público e privado, local e global se diluem, e o jornalismo adapta-se a novas formas narrativas. Conforme Reginato (2018), é essencial que os interlocutores compreendam o contrato de comunicação subjacente ao discurso jornalístico.

Resende (2009) define a narrativa como forma de dar sentido ao caos. Em momentos de catástrofe, ela organiza experiências e fornece contexto. No digital, isso ocorre de forma fragmentada, com múltiplas vozes competindo pela construção de significados. As plataformas tornam-se arenas de disputas intensas, onde o jornalismo perde a exclusividade da narrativa dos acontecimentos (OLIVEIRA, 2016).

3. METODOLOGIA

A pesquisa é inspirada na Análise de Discurso, conforme Benetti (2007), para investigar as formações discursivas (FDs) e as disputas de sentidos nas narrativas sobre as enchentes. A metodologia busca compreender como a desinformação molda percepções, especialmente quando estruturada com aparência jornalística.

O “efeito de literalidade” (BENETTI, 2007) torna ideologias ocultas imperceptíveis ao público, fazendo com que conteúdos desinformativos pareçam confiáveis. As FDs indicam regiões de sentido que determinadas narrativas exploram. No caso das enchentes, a mídia tradicional e perfis de extrema-direita apresentam FDs distintas: enquanto o jornalismo reforça solidariedade e alerta climático, os discursos extremistas falam em desordem, incompetência governamental e censura.

A análise considera também a interação entre texto e leitor — sujeitos históricos e sociais — que interpretam as mensagens a partir de seus contextos. Isso inclui o papel das redes sociais na amplificação de conteúdos. O mapeamento dos sentidos nucleares evidencia quais elementos são incluídos ou excluídos de cada narrativa, revelando a intencionalidade ideológica de cada discurso.

4. ANÁLISE

Foram analisados dois textos:

Texto 1: Publicações de Pablo Marçal (Instagram e X) afirmando que a Secretaria da Fazenda do RS exigia notas fiscais para doações às vítimas. A informação falsa foi amplificada por perfis de extrema-direita para atacar o governo e alimentar desconfiança institucional.

Texto 2: Reportagem do portal Sumaúma que denuncia o impacto da desinformação sobre a crise climática e como isso compromete os esforços de ajuda humanitária e a conscientização pública.

No texto de Marçal, a FD constrói o Estado como entrave à solidariedade. A mensagem mobiliza o público já crítico ao governo, reforçando a ideia de um Estado controlador e ineficaz. A simplicidade e o apelo emocional da narrativa favorecem sua circulação rápida, especialmente entre grupos alinhados ideologicamente (HENN, 2015).

A reportagem do Sumaúma propõe uma FD centrada na crise climática, apontando a desinformação como obstáculo ao enfrentamento de emergências. A mídia, nesse discurso, é apresentada como agente de conscientização, que busca conectar o evento ao debate climático e evidenciar as consequências reais da desinformação.

O sentido nuclear do discurso de Marçal é a deslegitimação do Estado. Já o da reportagem é a conscientização sobre a urgência climática e o combate à mentira como elemento central para respostas eficazes em contextos de crise. A diferença entre os textos revela como estratégias discursivas produzem leituras opostas de um mesmo evento.

A desinformação de Marçal se vale do “efeito de literalidade” (BENETTI, 2007), apresentando-se como verdade óbvia. Isso ressoa com um público já predisposto a desconfiar das instituições. Em contraste, a reportagem busca recuperar a autoridade da mídia como fonte confiável e crítica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disputa narrativa sobre as enchentes de 2024 no RS evidencia o embate entre jornalismo tradicional e narrativas digitais orientadas por interesses ideológicos. O ambiente digital amplifica vozes que desafiam a lógica jornalística, muitas vezes promovendo desinformação com forte apelo emocional.

Ao analisar formações discursivas concorrentes, este trabalho contribui para o entendimento das estratégias de construção de sentido na cobertura de desastres. Mostra como a desinformação atua na percepção pública e compromete ações coletivas em situações de emergência.

O jornalismo enfrenta o desafio de reafirmar sua função social em um espaço saturado por ruídos, onde narrativas simplificadas, porém impactantes, competem com a complexidade necessária à compreensão dos eventos. A Análise de Discurso revela que,

mais do que disputar versões dos fatos, o que está em jogo é a disputa pelo próprio direito de interpretar e mediar a realidade.

REFERÊNCIAS

BENETTI, M. **Jornalismo: ensino e discurso**. Florianópolis: Insular, 2007.

HENN, M. C. C. **Jornalismo e novas arquiteturas narrativas: o acontecimento em rede e os ciberacontecimentos**. São Paulo: Paulus, 2015.

INSTITUTO DEMOCRACIA EM XEQUE. **Relatório de monitoramento das redes sociais durante as enchentes no RS (7–13 de maio de 2024)**. 2024.

MORIN, E. **O método 3: o conhecimento do conhecimento**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 1996.

OLIVEIRA, E. A. de. **Entre redes e redações: o jornalismo em tempos de internet**. São Paulo: Paulus, 2016.

OLIVEIRA, E. A. de; HENN, M. C. C. O discurso de ódio nas redes digitais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais eletrônicos**. São Paulo: Intercom, 2014.

OLIVEIRA, E. A. de; PASTL, A. E. Jornalismo e desinformação no digital: lógicas, tensões e desafios para a profissão. **Chasqui**, v. 2, n. 151, p. 7–24, 2023.

REGINATO, P. C. A. As relações contratuais no discurso jornalístico e a formação de sentidos. In: BENETTI, M. et al. (Org.). **Discurso e produção de sentido no jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2018. p. 105–128.

RESENDE, V. M. de. **Análise de discurso crítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

RODRIGUES, M. C. **O jornalismo e a construção da realidade**. São Paulo: Summus, 1993.